

Como ler Nietzsche? Sobre a interpretação de Patrick Wotling

Scarlett Marton*

Resumo: O objetivo que aqui se persegue é o de trazer mais uma vez ao público brasileiro a instigante interpretação que Patrick Wotling faz da filosofia de Nietzsche. A partir do exame de “A problemática da civilização contra a problemática da verdade. A missão do filósofo segundo Nietzsche”, conta-se discutir as principais posições do intérprete em particular no que concerne à abordagem do texto nietzschiano.

Palavras-chave: método – estrutura – história – contradições

No início da década de 1970, Deleuze e Lyotard tomaram posição clara no Colóquio de Cerisy acerca da questão “como ler Nietzsche?”¹. Entenderam que ele não se presta a comentários,

* Professora Titular de Filosofia Contemporânea da Universidade de São Paulo (USP), coordenadora do GEN – Grupo de Estudos Nietzsche e co-diretora do GIRN – Groupe International de Recherches sur Nietzsche.

¹ Em julho de 1972, o Colóquio de Cerisy congregou pensadores franceses e alemães, na sua maioria, para debater o tema “Nietzsche hoje?” Os trabalhos então apresentados foram publicados sob o título *Nietzsche aujourd’hui?* em dois volumes (Paris: Union Générale d’Éditions, 1973), que reuniu vinte e quatro comunicações, geralmente seguidas pela reprodução das discussões, e duas mesas redondas. A partir desse material, organizei o volume *Nietzsche hoje?* (Trad. Milton Nascimento e Sônia Salzstein Goldberg. São Paulo: Brasiliense, 1984), que trouxe a público nove trabalhos seguidos das discussões que então ensejaram. O critério da seleção consistiu em oferecer ao leitor brasileiro a máxima diversidade, diversidade de temas, abordagens e perspectivas.

como Descartes ou Hegel. Nele, a relação com o exterior não é mediada pela interioridade do conceito ou da consciência; as palavras não valem como significações, representações das coisas. É querer comentá-lo, revelar o sentido de seu discurso, implica tomar o partido da interioridade e da representação. É preciso, ao contrário, fazer uma leitura intensiva do filósofo; no dizer de Deleuze, conectar o texto com a força exterior pela qual ele faz passar algo ou, no de Lyotard, produzir novas, diferentes intensidades. Com isso, o autor desapareceria no texto e este, nos leitores.

Naquela ocasião, Deleuze², Lyotard³ e também Klossowski⁴ pareciam atentos àquilo que o discurso nietzschiano suscitava; nortearam-se menos pelas ideias do filósofo que pela perspectiva que acreditavam apontar. Em 1964, no Colóquio de Royaumont, Foucault aproximara “Nietzsche, Freud, Marx”⁵. Não se tratava de examinar os pensadores para contrapor concepções suas ou de lançar mão de um deles para demolir o outro, mas de relacioná-los justamente porque, em vez de multiplicar os signos do mundo ocidental, teriam criado nova possibilidade de interpretá-los. Em 1972, Deleuze, Klossowski e Lyotard insistiram em atribuir a Nietzsche lugar privilegiado. A ele recorreram para refletir sobre política, arte, cultura, psiquiatria; tomaram-no como referência para pensar sequestros e justiça popular, ocupação de fábricas e *squattings*,

² Cf. DELEUZE, G. “Pensée nomade”. In: *Nietzsche aujourd’hui?*, v. 1, p.159-174; em português, “Pensamento nômade”. In: *Nietzsche hoje?*, p.56-76.

³ Cf. LYOTARD, J.-F. “Notes sur le retour et le kapital”. In: *Nietzsche aujourd’hui?*, v. 1, p.141-157; em português, “Notas sobre o retorno e o Kapital”. In: *Nietzsche hoje?*, p.44-55.

⁴ Cf. KLOSSOVSKI, P. “Circulus vitiosus”. In: *Nietzsche aujourd’hui?*, v.1, p.141-157; em português, “Circulus vitiosus”. In: *Nietzsche hoje?*, p.91-103.

⁵ FOUCAULT, M. In: *Nietzsche*, Cahiers de Royaumont. Paris: Minuit, 1967, p.183-192.

insurreições e comunidades antipsiquiátricas, *happenings* e *pop art*, a música de Cage e os filmes de Godard. Segundo Lyotard, só Nietzsche permitia um discurso de intensidades máximas; para Deleuze ele operava uma decodificação absoluta, enquanto Freud e Marx apenas recodificações⁶.

Então, no contexto das instituições acadêmicas, prevalecia um estilo de trabalho, o da história da filosofia, que se achava essencialmente fundado no comentário de autores consagrados pela tradição. Contra ele, Deleuze, Foucault, Derrida e outros lançaram mão da ideia de interpretação. Substituíram assim a busca fiel do verdadeiro sentido do texto filosófico, praticada pela erudição universitária, pela busca livre das potencialidades de significação nele aprisionadas. Passaram a explorar imagens, símbolos, metáforas, aforismos e poemas. Procuraram conciliar as vias até então divergentes da exegese e da criação e suprimir as fronteiras entre a filosofia e a literatura. E assim levaram o comentário a ceder lugar à interpretação.

Por obra desses jovens pensadores franceses, Nietzsche se tornou o filósofo da interpretação. Bem mais: ele se converteu sobretudo no filósofo dos intérpretes. Deixando de relacionar-se com um sentido determinado, sua obra se transformou em suporte dos discursos que ela suscita. Em vez da busca pelo comentário legítimo, presenciava-se a coexistência da pluralidade de interpretações. Contra a ideologia acadêmica do texto, conferia-se uma dignidade nova ao “leitor” e a ele se atribuía a autoridade quanto à pertinência ou não das diferentes leituras⁷.

⁶ Desenvolvi essas ideias em “Voltas e reviravoltas. Acerca da recepção de Nietzsche na França”. In: MARTON, S. (org.). *Nietzsche, um “francês” entre franceses*. São Paulo: Discurso Editorial e Editora Barcarolla, 2009, p.13-52.

⁷ Cf. nessa direção o meu “Filosofia e história da filosofia: o devir-criança do pensamento”. In: MARTON, S. *Nietzsche, seus leitores e suas leituras*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2010, p.21-36.

Nas décadas de 1980 e 1990, tanto a recepção eufórica de Nietzsche quanto sua apropriação política cederam lugar na França a um sério interesse pela posição que ele ocupa na história das ideias. Em várias ocasiões, mais admirado que alguns pensadores franceses contemporâneos seus, diversas vezes traduzido, muitas outras comentado, autor de referência tanto para os literatos quanto para os acadêmicos, Nietzsche se põe hoje sobretudo como um objeto de estudo dos mais intrincados e complexos e, por isso mesmo, dos mais ricos e instigantes. Para essa nova visão do filósofo, em muito contribuem as pesquisas de Éric Blondel e Patrick Wotling⁸.

Posicionando-se contra o “Nietzsche francês” dos anos de 1960 e 1970, Wotling se ocupará com frequência com a questão “como ler Nietzsche?”. Contrapondo-se ao uso do filósofo como caixa de ferramentas para refletir sobre outras questões, ele privilegiará o comentário em prejuízo da interpretação. Mas não se trata simplesmente de retomar um estilo de trabalho já revogado. Trata-se – isto sim – de inaugurar um novo modo de ler a obra nietzschiana, modo esse que concorre para trazer à luz aspectos nunca antes levados em conta.

No estudo intitulado “A problemática da civilização contra a problemática da verdade. A missão do filósofo segundo Nietzsche”, Patrick Wotling começa por ressaltar que o autor de *Zaratustra* adota procedimentos inteiramente distintos daqueles a que recorrem os filósofos em geral. Ele não se limitaria a acenar com outra maneira de conceber a atividade filosófica; ao contrário, estaria determinado a pô-la em prática.

⁸ Vale mencionar duas obras que constituem hoje referências para os estudiosos do pensamento nietzschiano: BLONDEL, E. *Nietzsche, le corps et la culture: la philosophie comme généalogie philologique*. Paris: PUF, 1986; WOTLING, P. *Nietzsche et le problème de la civilisation*. Paris: PUF, 1995.

A quem se dispõe a ler os textos de Nietzsche é, sem dúvida, indispensável ater-se aos diversos procedimentos de que ele lança mão. Para dar-se conta da riqueza de sua reflexão, o leitor tem de frequentar sua obra, explorar suas tramas conceituais, conviver com suas estratégias. Se é certo que não se arrisca a defrontar-se com um escrito hermético e impermeável a toda abordagem, também é certo que corre o risco de julgar, iludindo-se, apreender com justeza o que parece de fácil abordagem. Mais grave, porém, é este perigo que tem de enfrentar: o de deter-se onde é instado a prosseguir investigando, o de abandonar arbitrariamente a busca e apegar-se ao já conhecido. E nada mais avesso ao espírito nietzschiano que cristalizar convicções⁹.

Na primeira parte do estudo acima referido, que leva o título “A superficialidade do trabalho teórico”, Patrick Wotling se empenha em investigar a maneira nietzschiana de proceder. Defende a ideia de que a Nietzsche não se pode aplicar as mesmas técnicas de análise que comumente se aplica a outros autores; a ele não se pode fazer exigências análogas às que se faz a seus pares; em suma: não se pode lê-lo como se lê a maioria dos filósofos. Mas não nos enganemos! Ao mesmo tempo em que se dedica a examinar os procedimentos singulares a que Nietzsche recorre, ele se preocupa em deixar claro seu modo de ler a obra nietzschiana. Nas primeiras linhas de seu estudo, ao montar a argumentação, afirma que, se se conhece bem a crítica que o autor de *O anticristo* faz do cristianismo, “presta-se geralmente muito menos atenção à lógica precisa à qual o procedimento do filósofo obedece”. Sustenta, em seguida, que as razões que Nietzsche invoca para condenar o cristianismo “podem parecer extremamente ambíguas”. E assegura que esse é um traço presente em toda a sua obra, uma marca que se faz ver em diversos níveis.

⁹ Lembremos desta passagem de *Humano, demasiado humano*: “As convicções são inimigas mais perigosas da verdade que as mentiras” (KSA 2.317, MAI/HHI § 483).

Wotling toca assim numa questão crucial para o leitor dos textos de Nietzsche. Crucial, porque, num determinado momento da história da recepção do pensamento nietzschiano, a maneira de proceder do filósofo ensejou que dele se forjasse a imagem de pensador contraditório. Com o intuito de desfazer tal imagem, Jaspers, Kaufmann e Granier, entre outros, preocuparam-se com as contradições que emergiriam dos textos de Nietzsche.

Karl Jaspers¹⁰ entendeu que elas não se deveriam ao privilégio de um modo de expressão, mesmo porque a obra não apresentaria uma forma dominante e abrigaria tanto o discurso contínuo quanto o aforismático ou o polêmico. O comentário teria de buscar todas as contradições e, reunindo concepções relativas a um mesmo tema, chegar à “dialética real”, que levaria a esclarecer o projeto nietzschiano e, com isso, compreender a necessidade das contradições.

Walter Kaufmann¹¹, por sua vez, caracterizou a maneira de pensar e se expressar de Nietzsche como “monadológica”, na medida em que cada aforismo tende a ser auto-suficiente, embora seu conjunto também apresente uma construção filosófica. Esse estilo permitiria que surgissem contradições nos escritos, mas elas poderiam ser resolvidas, se considerados os “processos de pensamento” que levaram o filósofo a pensar como fez.

Jean Granier¹², por fim, julgou que as contradições se tornariam compreensíveis, se tomadas enquanto expressão da pluralidade de pontos de vista do autor. Estes, no entanto, não se achariam linearmente justapostos, mas estruturados em “andares”, de modo que,

¹⁰ JASPERS, K. *Nietzsche – Einführung in das Verständnis seines Philosophierens*. Berlin: Walter de Gruyter Co., 1936.

¹¹ KAUFMANN, W. *Nietzsche, Philosopher, Psychologist, Antichrist*. Princeton: Princeton University Press, 1950.

¹² GRANIER, J. *Le problème de la vérité dans la philosophie de Nietzsche*. Paris: Seuil, 1966.

levando em conta a verticalidade das intuições nietzschianas, seria possível detectar as linhas de ruptura responsáveis pela clivagem dos diferentes pontos de vista e apreender, assim, a dinâmica de seus “ultrapassamentos”.

Jaspers, Kaufmann e Granier propuseram três maneiras distintas de lidar com as contradições. Para Jaspers, uma vez que queria chegar à “dialética real”, elas são necessárias; para Kaufmann, já que esperava entender os “processos de pensamento”, elas acabam por dissolver-se; para Granier, porque pretendia apreender a dinâmica dos “ultrapassamentos”, elas se tornam compreensíveis.

No meu entender, o confronto com os textos de Nietzsche traz à tona, sem dúvida, as contradições que neles parecem estar presentes. Mas elas se deveriam ao estilo adotado pelo autor? Em parte, talvez. Se perseguir uma ideia é abandonar várias outras pelo caminho, o que é o aforismo – um dos modos de expressão privilegiados pelo filósofo – senão a possibilidade de perseguir uma mesma ideia partindo de diferentes perspectivas? Nessa medida, as contradições que se deparam são necessárias, tornam-se compreensíveis e acabam por dissolver-se. São necessárias, não por terem sido colocadas por uma “dialética real”, como queria Jaspers, mas por emergirem da diversidade de ângulos de visão assumidos na abordagem da mesma questão; tornam-se compreensíveis, não por corresponderem a momentos que seriam em seguida “ultrapassados”, como pretendia Granier, mas por surgirem da pluralidade de pontos de vista tomados no tratamento do mesmo tema; acabam por dissolver-se, não por se apresentarem enquanto etapas preparatórias que levariam a posições finais, como esperava Kaufmann, mas por brotarem da multiplicidade de perspectivas adotadas na reflexão sobre a mesma problemática¹³.

¹³ Tratei mais amplamente dessas questões no meu *Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos*. 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Lidando de forma implícita as posições tomadas por comentadores de Nietzsche acerca das eventuais contradições que emergiriam de seus escritos, Patrick Wotling traz à luz sua própria posição. Sublinha antes de mais nada que, para dar conta das ambiguidades presentes na obra nietzschiana, é preciso “compreender a originalidade da intervenção de Nietzsche no campo filosófico”. Seguindo sua argumentação, o leitor é levado a pensar que é o próprio Nietzsche quem exige que não se aplique a seus textos as mesmas técnicas de análise que comumente se aplica a outros autores. Mas é também instado a investigar as razões que o impediriam de fazer ao filósofo exigências análogas às que se faz a seus pares.

Bem mais, ao leitor Wotling não se limita a oferecer um estudo que põe em cena os procedimentos nietzschianos ressaltando a sua especificidade. Tanto é que, logo depois de incitá-lo a ler o autor de *Zarathustra* de maneira diversa da que se lê a maioria dos filósofos, ele assevera: “é preciso estudar não somente o que Nietzsche diz, mas, antes de tudo, o que ele *faz*”. Com isso, deixa claro que está a propor um novo modo de ler a obra nietzschiana. E esse modo se fará ver através da forma pela qual se empenha em analisá-la.

Não é por acaso, pois, que na seqüência de seu estudo, aliando um extremo rigor na articulação das ideias a um extraordinário poder argumentativo, Patrick Wotling se dedica a mostrar que, ao criticar seus predecessores, Nietzsche não elege como alvo de ataque indivíduos isolados, mas “*uma prática comum* que os caracteriza”. O filósofo julgaria que as divergências de posições que seus pares insistiriam em enfatizar seriam apenas aparentes; elas esconderiam um acordo mais profundo estabelecido entre eles, que consistiria em conceber a atividade filosófica como busca da verdade. Destarte, na base do modo de proceder dos filósofos em geral, Nietzsche denunciaria justamente a vontade de verdade.

A meu ver, essa é uma das razões pelas quais, em *Para além de bem e mal*, pondo em prática a psicologia do desmascaramento, o

filósofo procurará fazer ver que seus pares “são todos advogados que não querem ser assim chamados, e na maioria defensores manhosos de seus preconceitos que batizam de ‘verdades’” (JGB/BM § 5, KSA 5.19). Ao procurar impor a sua visão como a única válida, eles não toleram que lhes seja vedado transcender a própria situação, não aceitam estar limitados a certo ponto de vista, não admitem se verem condenados a determinado ângulo de visão. Assim negam “a perspectiva, a condição básica de toda vida” (JGB/BM Prólogo, KSA 5.12). Ora, é justamente a recusa do perspectivismo que confere caráter dogmático ao seu pensamento. Por isso mesmo, eu não hesitaria em afirmar que, da ótica nietzschiana, dogmáticos não são apenas os filósofos que pretendem chegar a verdades últimas e definitivas; são sobretudo aqueles que concebem a filosofia mesma como a busca da verdade e entendem ser essa concepção a única legítima.

Seria possível interpretar a incondicional vontade de verdade como “vontade de não se deixar enganar” ou “vontade de não enganar”; e cada uma das interpretações teria seus pressupostos. Enquanto “vontade de não se deixar enganar”, ela apareceria como precaução necessária para evitar algo, que seria, à primeira vista, perigoso, nefasto e até fatal, ou seja, a ausência de verdade. Contudo, tanto a verdade quanto a falsidade podem ser prejudiciais à vida, mas também úteis a ela. Descartada a primeira interpretação, não resta alternativa: deve-se entender a vontade de verdade como “vontade de não querer enganar” nem sequer a si mesmo. Na trilha socrática, identifica-se a verdade à virtude e toma-se por virtuoso quem é “verídico”. Em suma: adentra-se o terreno da moral. Eis porque Nietzsche dirá: “de fato, por muito tempo nós nos detivemos ante a questão da causa dessa vontade, – até que, enfim, paramos completamente ante uma questão ainda mais fundamental. Nós questionamos o *valor* dessa vontade” (JGB/BM § 1, KSA 5.19). Não se trata mais de pôr-se em busca da verdade; trata-se – isso sim – de pôr em causa as estimativas de valor que tal busca esconde.

Ora, ao mostrar em seu estudo que Nietzsche denuncia a vontade de verdade na base do modo de proceder dos filósofos em geral, Patrick Wotling abre espaço para que o leitor se questione sobre o modo de ler a obra nietzschiana. Se, ao conceber a atividade filosófica como busca da verdade, os filósofos em geral se põem de acordo em adotar uma prática comum, caberia perguntar se não haveria igualmente uma prática comum na base de um certo número de leituras dos textos de Nietzsche. E, levando adiante o questionamento, caberia perguntar se essa prática comum não acabaria por remeter a um certo tipo de leitor. Pois, do mesmo modo que ao criticar seus pares, Nietzsche por vezes recorre à tipologia, quando delinea por exemplo o tipo do filósofo dogmático, ao lidar com os leitores da obra nietzschiana, caberia muito bem lançar mão desse mesmo expediente.

É justamente a partir da crítica que Nietzsche faz à atividade filosófica em geral que Wotling organiza a sua reflexão a respeito do autor de *Zarathustra*. No seu entender, à problemática da verdade ele contraporia a problemática da civilização. Por isso mesmo, cumpriria investigar no que consiste a missão do filósofo.

Na segunda parte de seu estudo, intitulada “‘Minha tarefa’. O problema da civilização e sua significação”, Patrick Wotling procura mostrar que a questão da civilização – ou da cultura – atravessa toda a obra do filósofo. Mais ainda, defende a ideia de que ele sempre reivindicou “a unidade de sua reflexão e a invariabilidade de sua problemática”. Tanto é que consignou numa carta ao amigo Franz Overbeck datada de 13 de julho de 1885: “A meditação sobre os problemas *fundamentais* [...] me reconduz sempre [...] às mesmas decisões: elas já se encontram, embora da maneira mais obscura e dissimulada possível, no meu ‘Nascimento da Tragédia’; tudo aquilo que, desde então, aprendi a mais, inseriu-se nessa trama e se tornou parte integrante dela” (KSAB 7.67).

No meu entender, não há dúvida de que é de modo progressivo que Nietzsche explicita a maneira pela qual concebe seu empreen-

dimento filosófico. Quanto a este ponto, alinho-me à posição de Wotling e, igualmente, à de Kaufmann. Mas se o fato não acarreta momentos de ruptura no pensamento do filósofo, nem por isso deixa de revelar mudanças de atitude dignas de nota. Uma coisa é afirmar que a filosofia de Nietzsche consiste na explicitação progressiva das ideias; outra é sustentar que tais ideias ou parte delas não sofrem alterações. Numa carta anterior àquela citada por Wotling, mas igualmente dirigida a Franz Overbeck, o autor da *Genealogia da moral* escreve em 11 de fevereiro de 1883: “toda a minha vida decompôs-se diante dos meus olhos: esta vida inteira de inquietação e recolhimento, que a cada seis anos dá um passo e nada quer além disso.” Seguindo essa pista, seria possível distinguir no conjunto de seus escritos os redigidos entre 1864 e 1870, 1870 e 1876, 1876 e 1882, 1882 e 1888. Os que datam de 1864 a 1870 consistem, na sua maioria, em anotações, poemas e notas autobiográficas, além de trabalhos escolares e artigos de filologia clássica para a revista *Rheinisches Museum*. Destarte, haveria que se considerar de perto três grupos de textos: os redigidos entre 1870 e 1876, 1876 e 1882, 1882 e 1888.

Ao proceder desse modo, não estou de forma alguma seguindo o hábito de reconhecer três períodos no pensamento de Nietzsche; não pretendo dividir sua obra em compartimentos estanques, unidades fechadas em si mesmas. Quero apenas estabelecer alguns parâmetros, para localizar o aparecimento de conceitos fundamentais e detectar as transformações por que eles passam. Torna-se imprescindível apontar as diversas apropriações que o filósofo faz em diferentes momentos de seu itinerário e recuperar as etapas do processo de elaboração de suas ideias. Para tanto, não me atenho aos dados biográficos do autor, que não bastam para esclarecer a obra, nem aos temas de que ele trata, presentes por vezes em todos os textos. São os referenciais teóricos por ele adotados, durante os vinte anos em que permaneceu intelectualmente ativo, que levo em conta.

Dessa perspectiva, caracterizar o primeiro grupo de textos como o do pessimismo romântico só faz sentido, desde que se sublinhe que a filosofia de Schopenhauer e a música de Wagner, além da formação filológica, fornecem a Nietzsche os pontos de partida para a reflexão. Se nessa fase ele acredita na renovação da cultura alemã, como pretende Löwith¹⁴, manifesta a mesma preocupação em toda a obra e, com veemência, nos escritos de 1888. Definir o segundo grupo de textos como o do positivismo cético é plausível, quando se ressalta que ele então se abre à influência das ideias de Augusto Comte. Nesse contexto, a busca de seu caminho enquanto espírito livre, como quer Löwith, aparece na crítica que dirige a toda sorte de crença e no elogio que faz à ciência por prover ao espírito a disciplina necessária para libertar-se das convicções. Encarar o terceiro grupo de textos como o da reconstrução da obra, como supõe Löwith, tem razão de ser, na medida em que se salienta seu empenho em construir, de forma consistente, a própria filosofia. É quando elabora o conceito de vontade de potência, a teoria das forças e a doutrina do eterno retorno do mesmo, além de tornar operatória a noção de valor e instaurar o procedimento genealógico.

Defendendo a ideia da existência de uma continuidade na obra nietzschiana, Wotling volta-se para *O nascimento da tragédia*. É a partir da análise de um parágrafo do livro que afirma: “o objetivo da investigação filosófica torna-se, assim, pensar as condições de uma reforma da cultura contemporânea, dando-se como intenção a instauração de algo análogo àquilo que era a cultura trágica dos gregos”. Com tal afirmação, ele dá ensejo a que se pergunte se, nesse sentido, Nietzsche seria o herdeiro e continuador de um programa alemão que remontaria ao século XVIII com Winckelmann, passando por autores do classicismo e romantismo.

¹⁴ Cf. LÖWITH, K. *Nietzsches Philosophie der ewigen Wiederkehr des Gleichen*. 3. ed. Hamburgo: Felix Meiner Verlag, 1978.

No caso de uma resposta positiva a essa questão, outra se imporia. Ainda que herdeiro e continuador de um programa que visaria a religar o espírito alemão e o espírito grego, a Alemanha e a Grécia antiga, Nietzsche teria necessariamente de se diferenciar de algum modo das posições tomadas pelos seus predecessores, uma vez que para ele, como quer Wotling, a cultura se converte em tarefa filosófica. Caberia, então, investigar no que consistiriam tais diferenças. E essas inquietações remetem uma vez mais a questões por assim dizer de ordem metodológica.

A meu ver, não se pode comentar Nietzsche sem recorrer a um quadro histórico. Se tal atitude expõe, de um lado, ao risco de interpretar, ela constitui, de outro, justamente uma tentativa para escapar de uma interpretação puramente historicista. Pois, muitos dos equívocos que ocorreram e ainda ocorrem no trato com a obra de Nietzsche se devem ao fato de não se levar em conta seus interlocutores. Investigar com que ele está a dialogar implica necessariamente reinscrevê-lo em sua época, recuperar o confronto com contemporâneos e predecessores, resgatar referenciais teóricos, científicos e culturais. Para tanto, é preciso frequentar a história europeia – e em particular a alemã – em seus aspectos factuais e culturais, analisando idéias e mentalidades. Em suma, revela-se indispensável o esforço sempre renovado de contextualizar o pensamento nietzschiano não simplesmente no quadro da história da filosofia, mas também no contexto da história da cultura alemã. É só fazendo de Nietzsche um pensador do século XIX que se poderá realçar o caráter radical e inovador de sua reflexão.

Na terceira e última parte de seu estudo, intitulada “Não se refuta uma doença”, Patrick Wotling dedica-se justamente a responder à questão anteriormente levantada: “qual o sentido exato que ele [Nietzsche] dá ao termo ‘cultura’?” Por certo, não procura simplesmente analisar a concepção nietzschiana de cultura; quer sobretudo “indicar um deslocamento de problemática”. Na tentativa

de fazer ver o sentido exato de tal deslocamento, ele toma como objeto de análise a moral. Parte, então, de uma conhecida passagem do prefácio à *Genealogia da moral*: “Precisamos de uma crítica dos valores morais, *devemos começar por colocar em questão o valor mesmo desses valores*; isto supõe o conhecimento das condições e circunstâncias de seu nascimento, de seu desenvolvimento, de sua modificação (a moral como consequência, sintoma, máscara, tartufaria, doença, mal-entendido, mas também como causa, remédio, *stimulans*, empecilho ou veneno), enfim, um conhecimento tal como nunca existiu até o presente e como nem mesmo se desejou” (GM/GM, Prefácio, § 6, KSA 5.253).

Ressaltando que nessa passagem de Nietzsche a moral está presente ao mesmo tempo como causa e consequência, Wotling levanta a questão acerca das definições duplas nos seus escritos. Neste caso, como no do cristianismo, mostra tratar-se sempre de um mesmo procedimento. Ora o cristianismo se apresenta como aquilo que enfraquece o corpo, ora é o corpo fraco que produz o cristianismo. Ora a moral surge como remédio, ora ela aparece como doença. Mas a aparente oscilação entre posições extremas converte-se rapidamente na coexistência de duas perspectivas extremamente distintas. Examinando de perto esse modo de proceder de que o filósofo lança mão, Patrick Wotling acaba por trazer à luz a ação recíproca entre configurações pulsionais e valores. Destarte, no contexto do pensamento nietzschiano, a tarefa filosófica obedeceria a uma dupla exigência: de um lado, diagnosticar as configurações pulsionais que se exprimem enquanto valores culturais e, de outro, circunscrever a influência da cultura sobre o corpo, examinando os processos de incorporação desses mesmos valores.

Ao enfatizar a importância das assim chamadas definições duplas, Wotling procura dar conta do problema que elegeu como objeto de exame em seu estudo; é com êxito que determina em que consiste a missão do filósofo segundo Nietzsche. Mas, ao mesmo tempo em

que assim trabalha, continua a apresentar ao leitor seu modo de ler a obra nietzschiana. E, com isso, propicia ainda uma vez que se retomem questões de ordem metodológica. Que se lancem, por exemplo, estas perguntas: as definições duplas também desempenhariam um papel estratégico nos escritos do filósofo? Elas revelariam talvez as tensões que os atravessam?

No meu entender, a leitura estrutural é de fundamental importância para a compreensão do texto filosófico. E, quando se tem diante dos olhos o texto nietzschiano, que apresenta procedimentos tão singulares, ela se revela uma ferramenta de valor inestimável. Mas essa abordagem constitui apenas uma primeira etapa do trabalho exegético. É certo que se trata de uma etapa necessária; também é certo que ela terá de ser completada pela abordagem genética. Refazer a trama dos conceitos presentes na obra de Nietzsche e reconstituir seu percurso intelectual apresentam-se como etapas complementares; mais ainda, constituem trabalhos indispensáveis.

Por fim, à guisa de conclusão, valeria fazer as questões por assim dizer metodológicas, que o estudo de Patrick Wotling enseja, ricochetear sobre a posição do leitor da obra nietzschiana, sobre a nossa posição. Então, caberia perguntar no que consistiria ler Nietzsche enquanto nietzschiano, entendendo-se por este termo aquele que procura compreender o filósofo tal como ele mesmo se compreendeu – nem mais nem menos.

A meu ver, a história da recepção do pensamento nietzschiano permite combater preconceitos, crenças e convicções que a ele vieram associar-se no correr das décadas; ela torna possível desmontar as mais variadas imagens que se colaram à figura do filósofo ao longo de mais de um século. É bem verdade que um trabalho dessa ordem implica o entrecruzamento de várias linhas de pesquisa: da história factual, passando pela cultural, até a institucional; da história das mentalidades, passando pelas transferências sócio-culturais, até o exame da constituição das redes de poder.

Pronto a separar o joio do trigo, o leitor poderá, enfim, travar um diálogo e duelo com a obra de Nietzsche. Ciente de que dela existem leituras plausíveis e outras inapropriadas, ele se perguntará por certo pelo critério para distingui-las. E, então, terá de se haver com estas questões: estaria sua leitura contaminada pelo dogmatismo que impera em tantas outras? Seria também ela ditada por uma insidiosa vontade de verdade?

Instigante, o estudo de Patrick Wotling, ora em tela, contribui por certo para elucidar pontos espinhosos da filosofia nietzschiana; enseja sem dúvida a discussão acerca de questões de ordem metodológica. Mas, bem mais que isso, ele convida o leitor a acercar-se da obra de Nietzsche sem mediações.

Abstract: This article intends to bring once again to the Brazilian public the instigating interpretation of Nietzsche's philosophy. Starting from the analysis of Wotling's article "The problematic of civilization against the problematic of truth. The philosopher's mission according to Nietzsche", it is aimed to discuss Wotling's main positions concerning the approach to Nietzsche's texts.

Key-words: method – structure – history – contradictions

referências bibliográficas

1. BLONDEL, E. *Nietzsche, le corps et la culture: la philosophie comme généalogie philologique*. Paris: PUF, 1986.

2. DELEUZE, G. “Pensamento nômade”. In: MARTON, S. (org.). *Nietzsche hoje?* Trad. Milton Nascimento e Sônia Salzstein Goldberg. São Paulo: Brasiliense, p.56-76, 1984.
3. FOUCAULT, M. “Nietzsche, Freud, Marx”. In: *Nietzsche, Cahiers de Royaumont*. Paris: Minuit, p.183-192, 1967.
4. GRANIER, J. *Le problème de la vérité dans la philosophie de Nietzsche*. Paris: Seuil, 1966.
5. JASPERS, K. *Nietzsche – Einführung in das Verständnis seines Philosophierens*. Berlim: Walter de Gruyter Co., 1936.
6. KAUFMANN, W. *Nietzsche, Philosopher, Psychologist, Antichrist*. Princeton: Princeton University Press, 1950.
7. KLOSSOVSKI, P. “Circulus vitiosus”. In: MARTON, S. (org.). *Nietzsche hoje?* Trad. Milton Nascimento e Sônia Salzstein Goldberg. São Paulo: Brasiliense, p.91-103, 1984.
8. LÖWITH, K. *Nietzsches Philosophie der ewigen Wiederkehr des Gleichen*. 3. ed. Hamburgo: Felix Meiner Verlag, 1978.
9. LYOTARD, J.-F. “Notas sobre o retorno e o Kapital”. In: MARTON, S. *Nietzsche hoje?* Trad. Milton Nascimento e Sônia Salzstein Goldberg. São Paulo: Brasiliense, p.44-55, 1984.
10. MARTON, S. *Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos*. 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

11. ———. *Nietzsche, seus leitores e suas leituras*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2010.
12. ———. *Extravagâncias. Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche*. 3. ed. São Paulo: Discurso Editorial e Editora Barcarolla, 2009.
13. ———. (org.). *Nietzsche, um “francês” entre franceses*. São Paulo: Discurso Editorial e Editora Barcarolla, 2009.
14. ———. (org.). *Nietzsche hoje?* Trad. Milton Nascimento e Sônia Salzstein Goldberg. São Paulo: Brasiliense, 1984.
15. NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe* (KSA). Organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim: Walter de Gruyter & CO., 1967-1978. 15 v.
16. ———. *Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 2. ed. São Paulo: Abril cultural, 1978.
17. *Nietzsche aujourd’hui?* 2 vols. Paris: Union Générale d’Éditions, 1973.
18. WOTLING, P. *Nietzsche et le problème de la civilisation*. Paris: PUF, 1995.
19. ———. “A problemática da civilização contra a problemática da verdade. A missão do filósofo segundo Nietzsche”. Trad. Vinicius de Andrade. In: *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, GEN, n. 26, 2010, p.13-34.